

# Processos fonológicos de inserção e apagamento no guineense

Erica Souza dos Reis<sup>1</sup>

**Resumo:** O guineense é a língua falada pela maioria dos falantes da Guiné- Bissau, embora, várias décadas após a independência, o português, continue sendo a única língua oficial do país. Este trabalho propõe descrever os processos fonológicos de inserção e apagamento no guineense. Os processos fonológicos de inserção são divididos em três categorias, no início de uma palavra (*próstese*), no meio (*epêntese*) e no final (*paragoge*), os de apagamentos também são divididos em três categorias, no início de uma palavra (*aférese*), no meio (*síncope*) e no final (*apócope*) (VIARO, 2011). A pesquisa se justifica pelo fato de ainda haver poucos estudos voltados para o guineense, sobretudo com relação aos seus aspectos fonológicos. Além disso, as poucas pesquisas realizadas costumam se basear nas discussões teóricas do português, sendo comuns afirmações imprecisas. Para a realização dessa pesquisa foram coletadas palavras no dicionário de Scantamburlo (2002), que foram posteriormente gravadas com quatro falantes nativos do guineense a fim de confirmar sua realização. As análises constatam que a inserção das vogais [a] e [i] no início da palavra é comum, como em português *botar* – guineense **abota**; português *era* – guineense **iera**, também foram encontrados casos de inserção de uma sílaba inteira em próstese: português *nova* – guineense **banova**; próstese e epêntese de uma consoante/traço nasal: português *ganhar* – guineense **nganha**; português *formiga* – guineense **furminga**; entretanto, houve poucos casos de paragoge, como em português *cascavel* – guineense **kaskabelu**. Ademais, os casos de apagamento foram mais comuns, sendo encontradas aféreses de [a] e [e]: português *atacar* – guineense **taka** e português *estragar* – guineense **straga**; também foram casos comuns de síncope da vogal postônica medial, como português *tâmara* – guineense **tambra** e de apócope nos verbos, como português *cheirar* – guineense **tcera**.

**Palavras-chave:** Guineense. Processos fonológicos. Inserção. Apagamento.

## 1 Introdução

É possível afirmar que o guineense da Guiné Bissau é um exemplo de como a humanidade lida com a necessidade de criar e exercer um contato comunicativo entre si. Além disso, sabe-se que o guineense é um símbolo linguístico de independência, por ser atualmente uma língua da resistência e também da unidade nacional, pois veicula a intercompreensão entre seu povo que convive em meio ao multilinguismo e à oficialização da língua portuguesa como discutido por Costa (2014) e Chapouto (2014). Entretanto, salienta-se que a língua que exerce maior influência no país por ser predominante entre seus falantes é o guineense.

Considerando o amplo uso do guineense, este trabalho tem o objetivo de analisar os processos fonológicos de inserção (*próstese*, *epêntese* e *paragoge*) e apagamento (*aférese*, *síncope* e *apócope*) na língua, comparando os resultados encontrados com descrições gerais bem como com estudos sobre o guineense, como Costa (2014) e Chapouto (2014). Este trabalho se justifica pela ausência de estudos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa – UNILAB- BA, e-mail: [ericareis121@gmail.com](mailto:ericareis121@gmail.com)

(especialmente fonológicos) sobre o guineense. Além disso, algumas pesquisas fazem referência a esta língua como versão resumida do português, assim citam-no como simplificado morfológicamente, tudo isso com um discurso de comparação e desrespeito para com os falantes do guineense como apresentado por Pratas (2002), Bandeira (2017). A partir das análises dos processos de inserção – prótese, epêntese, paragoge, e apagamento – aférese, síncope, apócope, esta demonstrará que as transformações fonológicas no guineense possuem um funcionamento vinculado ao próprio contexto geográfico e linguístico em que a língua está inserida, não em comparação ao português europeu ou a outras variedades do português de outros países, mas da própria Guiné-Bissau, sendo que essas modificações são comuns de acontecerem em todas as línguas naturais.

O artigo está dividido da seguinte forma: na seção 2, será exibido uma breve caracterização linguística da Guiné-Bissau. Posteriormente, a metodologia será apresentada na seção 3. As análises dos processos são o foco da seção 4, que se seguirá da conclusão na seção 5.

## **2 Caracterização linguística da Guiné-Bissau**

A Guiné-Bissau possui geograficamente “36.125 km<sup>2</sup> de extensão total e apenas 28.800 km<sup>2</sup> de superfície habitável.” (CHAPOUTO, 2014, p.2). Em meados do século XV, por possuir um clima favorável, tropical marginal e tropical continental, a Guiné-Bissau tornou-se colônia exploratória, pela permanência dos colonos em meio aos nativos (CHAPOUTO, 2014).

Sendo assim, o guineense surgiu pela combinação linguística e biológica de diferentes povos (CHAPOUTO, 2014). É possível afirmar que a língua ou as línguas de um país são um instrumento comunicativo de união e socialização e, no caso, do guineense, o contato físico, cultural e infelizmente escravista influenciou no surgimento de um novo código linguístico, por causa dessa “miscigenação” emergiu uma língua inicial em virtude deste contato linguístico e exploratório. Sendo assim, a formação do guineense deu-se tanto pelas línguas autóctones, quanto pela inserção dos colonos na região em meio aos nativos, (CHAPOUTO, 2014). Apesar do amplo uso do guineense, após várias décadas desde 1963, ou seja, da independência de Guiné-Bissau, o português continua sendo a única língua oficial do país segundo Costa (2014) e Chapouto (2014). Nesse sentido, por décadas o guineense foi intitulado como “simplificado”, uma língua não deve ser intitulada, de modo estereotipado por compará-la a outra, isto é, ao português europeu. É preciso salientar que alguns autores alegam tal “simplicidade” porque o guineense é popularmente conhecido como língua crioula, e neste caso é uma língua originada a partir do contato linguístico de várias outras línguas e não apenas do português europeu, conforme discussão em Pratas (2002) e Bandeira (2017).

Quanto à situação sociolinguística, nota-se que a língua majoritária na Guiné-Bissau é o guineense e que, para além dessa língua, são presentes também no país diferentes línguas autóctones, que por vezes são línguas maternas de alguns falantes. Neste sentido, o Estado e os políticos reconhecem que a Guiné-Bissau é um país multilíngue e essa afirmação é comprovada nas pesquisas utilizadas por Costa (2014, p.60), em que são citadas as etnias presentes no país e as quantidades de habitantes com base em Silva (2000): balantas – 160.296, fulas – 108.402, manjacos – 71.712, mandigas – 68.752, papéis – 36.341, mancanhas – 16.300, beafadas – 11.581, bijagós – 10.332, felupes – 8.167, nalús – 3.009, e outros – 9.715. O Estado reconhece que em meio a tantas línguas étnicas o guineense unifica o país. Portanto, o próprio Estado também poderia utilizar de estratégias do guineense para desenvolver a política do país. Dessa forma, a utilização do guineense nos meios oficiais e políticos da Guiné-Bissau seria favorável para as progressões tanto sociais, quanto linguísticas do país.

### 3 Metodologia

Este trabalho iniciou-se a partir de pesquisa bibliográfica, com leituras sobre aspectos gerais das línguas crioulas, realidade linguística da Guiné-Bissau e o guineense, os processos fonológicos de inserção e apagamento em línguas como o português.

Após as leituras, foram coletadas palavras no dicionário de Scantamburlo (2002) em que ocorriam processos de inserção e apagamento. A partir dos exemplos coletados, percebe-se que por vezes mais de um processo ocorreram em uma única palavra, desde adições e subtrações, assim como transposições e transformações (VIARO, 2011, p.131). Entretanto o objetivo dessa pesquisa é analisar os processos fonológicos de inserção e apagamento, assim sendo não abordaremos esses outros fenômenos. Em continuação, as palavras coletadas tiveram suas realizações fonéticas confirmadas pela participação de quatro (4) estudantes guineenses alunos do curso de Humanidades da Unilab, campus dos Malês. A princípio, foi enviado o termo de consentimento para os estudantes, o qual explicava as características da pesquisa, que continha três (3) listas diferentes com 77 frases cada, com uma frase veículo (digo x baixinho) em guineense (N'ta fala x bas bas). Nesse sentido, foi estipulado um prazo de 15 dias para a entrega do termo de consentimento e das gravações. Com relação aos casos de variações, dos quatros informantes, dois ficaram com a mesma lista, neste caso com a lista um (1), além disto, no caso de dúvidas das gravações, entramos em contato com o mesmo informante, e com outro com uma lista diferente, pedindo para gravar ou regravar a palavra na frase veículo.

Vale salientar que a comparação deste trabalho é feita com o português, mas não consideramos o guineense um descendente direto do português. Isso porque o

guineense é uma língua que segue suas características próprias, tendo um funcionamento diferente do português europeu e de outras variedades do português de outros países. Há posicionamentos (mais antigos e tradicionais) que inferiorizam as línguas crioulas e no panorama atual estão sendo desconstruídos por pesquisadores, que negam que o guineense é dialeto resumido do português. Cabe frisar que todas as transformações históricas influenciam direta ou indiretamente para o surgimento e características das línguas, por isso, as línguas crioulas devem ser estudadas não comparadas com a língua de prestígio, mas, a partir do seu próprio contexto de formação e relatos históricos.

Quanto à apresentação dos dados, este trabalho usará itálico para as palavras no português, <era> e negrito <iera> para o guineense. Salienta-se que as transcrições do português trazem uma das pronúncias possíveis (e não todas as variações). No caso do <r> final dos verbos, por exemplo, será utilizado o tepe na transcrição, mas há outras realizações possíveis. Além disso, é preciso reforçar que ainda não está definido no guineense se os glides são vogais ou consoantes, e neste trabalho foram selecionados os símbolos fonéticos [j] e [w] casos de ditongos. No caso das palavras que possuem uma consoante nasal seguida de outra consoante, como, por exemplo em: <ngaba>, a consoante nasal foi transcrita com o mesmo ponto de articulação da consoante seguinte, sendo necessário uma análise acústica posterior para confirmar essa transcrição; no caso de uma consoante nasal seguindo vogal na mesma sílaba (como em <frunku> ['frũku] ~ ['frũku]), a partir de uma análise de oitiva, ora a consoante aparece, ora não, e somente uma análise acústica pode confirmar essas transcrições.

#### 4 Análise dos processos

Conforme mencionado, este trabalho propõe descrever alguns processos fonológicos no guineense, primeiramente serão apresentados os de inserção, posteriormente, os de apagamento. Esses processos são divididos em adição de segmento — no início de uma palavra (próstese), no meio (epêntese) e no final (paragoge), e apagamento de segmento — no início de uma palavra (aférese), no meio (síncope) e no final (apócope).

##### 4.1 Processo de inserção: Próstese

O quadro 1 apresenta exemplos de inserção vocálica:

**Quadro 1-** Próstese de [a] e [i]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>botar</i>	[bɔ'tar]	<b>abota</b>	[a'bɔta]	botar
<i>bênção</i>	['bêṣãw]	<b>abenson</b>	[a'bêṣõ]	benção

<i>água</i>	[ <sup>1</sup> agwɛ]	<b>iagu</b>	[ <sup>1</sup> jagu]	água
<i>era</i>	[ <sup>1</sup> ɛrɛ]	<b>iera</b>	[ <sup>1</sup> jɛra]	era
<i>contrário</i>	[kõ'trariw]	<b>akontrariu</b>	[akõ'trariw]~[kõ'trariw]	contrário

**Fonte:** Elaboração própria

Os exemplos do quadro 1 são referentes à inserção do [i] e [a], que foram os casos mais comuns de adição encontrados no corpus do trabalho. Segundo Viaro (2011, p 132; 133), este processo da inserção do [a] pode ser explicado por uma hipótese da aglutinação do artigo 'a', a + *benção* = **abenson** [a'bēsõ], contudo é importante salientar que há inserções de <a> que não são de artigo, como em [a"bOta], assim esta afirmação não é válida para todos os casos de acréscimo do <a>.

Em continuação, com os processos de adições, é notório descrever que no trabalho do guineense de Costa (2014), observou-se também algumas palavras coletadas a partir da inserção de segmentos no início da palavra com os sons de [a] e [i]: [<sup>1</sup>jentrɛ] ~ [i'entrɛ] - /ieNtra/ “entrar”, [a'õntɪ] ~ [a'ontɪ] - aoNti “ontem” (dados retirados de Costa, 2014).

Outrossim, foram encontrados casos de inserção de [i], que em seguida pode se ditongar com a vogal seguinte, como em <iagu> [<sup>1</sup>jagu] “significado”. Segundo Costa (2014), os processos de ditongação são registrados no guineense e as palavras já adentraram no guineense com acréscimo da vogal vocálica protética “[<sup>1</sup>jentrɛ] ~ [i'entrɛ] - ieNtra “entrar” (694) [<sup>1</sup>jabrɪ] ~ [i'abrɪ] - iabri “abrir” (695) [<sup>1</sup>jagu] ~ [i'agu] - iagu “água” (696) [jaŋga'sa] ~ [iaŋga'sa] - iaNgasa “alcançar”” (COSTA, 2014, p.201). Neste trabalho também foi registrada a junção do artigo <o> mais à palavra, como em: O + relâmpago = [ɔr'lâmpu], ou em o + dique = oriki [ɔ'riki].

Outros processos de inserção são a prótese de consoante no quadro 2:

**Quadro 2** - Prótese consonantal

<b>Português</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Guineense</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Glosa</b>
<i>esquecido</i>	[iske'sidu]	<b>diskisidu</b>	[diski'sidu]	esquecido
<i>esquecimento</i>	[iske'simêtu]	<b>diskisimentu</b>	[diski'simêtu]	esquecimento

**Fonte:** Elaboração própria

Considerando a citação de Viaro (2011) referente à aglutinação do artigo <a>, semelhantemente no quadro 2 também é evidenciado o fenômeno de aglutinação, neste caso de preposição. Nos exemplos, a palavra no guineense passa a ser registrada com a inserção da consoante [d]. Pode ser que isto tenha ocorrido porque a língua permitiu que dois sons iguais se tornassem um único som, assim, a preposição de + a palavra, passam a ser pronunciados de outra forma, isto é, [di] + [is.ke.'ser] = [dis.'ki.si]. Para demonstrar se estes casos seriam morfológicos ou

sintáticos, é preciso estudos futuros que envolve haplologia ou mesmo casos de sândi.

No quadro seguinte, foram encontrados casos de adição de uma sílaba inteira:

**Quadro 3** – Próstese de sílaba

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>guerra</i>	[ˈgɛɾɐ]	<b>baguera</b>	[baˈgɛɾa]	guerra
<i>nova</i>	[ˈnɔvɐ]	<b>banova</b>	[baˈnɔva]	nova

**Fonte:** Elaboração própria

Esta inserção nos fez questionar o porquê da inserção se dar por <ba> e não por outro segmento. Com esses dois exemplos observamos transformações no nível silábico, em que a palavra passa de dissílaba para trissílaba, mas continua sendo paroxítona, como veremos em <guerra> [ba.ˈgɛ.ra], <nova> [ba.ˈnɔ.va]. Sendo assim, é possível que estudos futuros possam descrever que o <ba> seja um prefixo, pois segundo o dicionário de Scantamburlo está adição é referente ao prefixo de plural, a título de exemplo, “prefixo de plural, + GUERRA, que designa os guerreiros” (SCANTAMBURLO, 2001, p. 55). Essa possibilidade somente poderá ser confirmada ou refutada com estudos futuros, analisando também se há outros dados semelhantes a esse.

No quadro 4 há também a inserção de consoante nasal, acompanhada ou não da vogal.

**Quadro 4** - Próstese da consoante nasal (antecedida ou não pela vogal)

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>gabado</i>	[gaˈbadu]	<b>ngabadu</b>	[iŋgaˈbadu]	gabado
<i>guincho</i>	[ˈgwĩʃu]	<b>nguintcu</b>	[iŋˈgĩtʃu]	guincho
<i>gabação</i>	[gabaˈsãw]	<b>ngabason</b>	[iŋgabaˈsõ]~[iŋgabaˈsõ]	gabação
<i>ganhar</i>	[ˈgãɲar]	<b>nganha</b>	[iŋgãɲa]~[iŋˈgãɲa]	ganhar
<i>gabar</i>	[gaˈbar]	<b>ngabar</b>	[iŋgaˈbar]~[iŋgaˈba]	gabar

**Fonte:** Elaboração própria

A próstese da consoante nasal velar, que é ilustrada no quadro 4 é também descrita por Costa (2019) como sendo um segmento de núcleo vazio, “Segundo esta perspectiva de análise, o segmento nasal inicial preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo vazio e, neste contexto, partilha com o segmento adjacente à direita a especificação de nasalidade, [Nkânta] possui uma estrutura silábica C.CVC. CV.” (COSTA, 2019, p.118).

Neste trabalho estamos seguindo um outro posicionamento e considerando que o segmento nasal está inserido na mesma sílaba, deixando para estudos

futuros a discussão mais detalhada desse segmento. Observa-se que no exemplo da citação na inserção de uma consoante nasal antes da consoante oclusiva, a autora propõe que se tenha a nasal velar [ŋ] mais a oclusiva [k]. Subsequentemente, o quadro 4 também traz exemplos de oclusivas, mas, neste caso, são descritos exemplos da nasal velar [ŋ] mais a oclusiva [g]. Destaca-se que os informantes por vezes pronunciam esse segmento com a inserção da vogal [i], por vezes pronunciam o som de [ŋ], mas como se tivesse sido inserido um outro segmento que parece ser uma vogal nasal [ã], <**ngabar**> [ĩŋga'bar], [ãŋ'gaba]. Essa impressão de oitiva precisa ser analisada com mais detalhes em estudos acústicos posteriores.

#### 4.2 Processo de inserção: Epêntese

Em continuação, a epêntese é uma adição muito comum no português do Brasil, no europeu e também evidenciada nesta pesquisa sobre o guineense.

Neste trabalho ocorre tanto inserção de consoante nasal em prótese diante de consoantes no quadro 4, quanto a seguir nasalização em epêntese, no quadro 5, em que a vogal oral passa a nasal:

**Quadro 5** - Epêntese de traço nasal na vogal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>formiga</i>	[for'migə]	<b>furminga</b>	[fur'mĩga]	formiga
<i>fumaça</i>	[fu'masə]	<b>fumansa</b>	[fũ'māsa]	fumaça
<i>nascer</i>	[na'ser]	<b>nansi</b>	[ 'nāsi]	nascer
<i>clareza</i>	[kla'rezə]	<b>klarensa</b>	[kla'rēza]~[kla'rēza]	clareza
<i>adoecer</i>	[adoe'ser]	<b>duensi</b>	[du'ēse]~[du'ēsi]	adoecer

**Fonte:** Elaboração própria

Na coleta de dados foram registradas algumas palavras que passaram a ter uma vogal nasalizada no seu interior pela inserção de um elemento nasal. Nos casos de [fũ'māsa], [fur'mĩga], [ 'nāsi] que possuem uma consoante nasal, é provável que a consoante que vem antes influencie o segmento seguinte registrado no quadro 5. No caso de <**duensi**> pode ter ocorrido uma analogia com <*duente*>, resultando em: [du'ēse] ~ [du'ēsi], as outras palavras do quadro 5 precisam de estudos futuros para explicar as suas inserções.

O quadro 5 mostra casos de inserção de [i]:

**Quadro 6** - Epêntese do [i]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>admissão</i>	[admi'sãw]	<b>adimison</b>	[adimi'sõ]	admissão
<i>adquirir</i>	[adki'rir]	<b>adikiri</b>	[adi'kiri]~[ēdi'kiri]	adquirir
<i>administrar</i>	[adminis'trar]	<b>administra</b>	[adimi'nistra]~[adiminis'trar]	administrar

**Fonte:** Elaboração própria

Segundo Viaro (2011, p.134), a inserção de [i] é comum no português e também foi encontrada no guineense. Para mais detalhamento sobre esta inserção, Teyssier (2001) descreve que a eliminação do encontro consonantal é desfeita a partir do acréscimo da vogal <i> em palavras de origem erudita “admirar, advogado, observar, psicologia, ritmo por admirar, adivogado, obiservar, pisicologia, ritimo” (TEYSSIER, 1982, p. 68). Vale apontar que a descrição do autor menciona palavras do português b que variam a pronúncia sem alterar o seu significado pela inserção de uma vogal, que em tais casos seria a vogal <e> ou <i>. Sendo assim, não é possível afirmar categoricamente em qual língua ocorreram essas epênteses, pois, as palavras podem ter sido introduzidas do português para o guineense já com este acréscimo.

No quadro 7 é evidenciado o fenômeno da inserção de consoante, mas neste caso no interior da palavra, sendo um caso um tanto incomum de epêntese por se tratar da inserção de consoante segundo Viaro (2011). Assim sendo, é mais comum inserir vogal, porém, foram encontradas palavras com acréscimos de consoantes no *corpus*, como os exemplos no quadro 7 de inserção de [r] e [b].

**Quadro 7** - Epêntese de consoante

<b>Português</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Guineense</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Glosa</b>
<i>vacinar</i>	[vasi'nar]	<b>barsina</b> ou <b>varsina</b>	[var'sina]	vacinar
<i>inhame</i>	[ĩ'nãmi]	<b>nhambi</b>	[ĩ'nãbi]~['nãbi]	inhame
<i>tâmara</i>	[tãmare]	<b>tambra</b>	[tãbra]~['tãmbra]	tâmara

**Fonte:** Elaboração própria

No caso da inserção de [b], nota-se que ocorre em palavras que tinham [m], consoante produzida com o mesmo ponto de articulação, ou talvez, este segmento nasal possa ser apenas <m> gráfico, neste caso resultando em uma vogal com traço nasal. Esse caso pode ser referente à explicação de Teyssier (1982) em que ocorre de a consoante nasal transmitir a nasalidade e ser apagada ou não, mas esse exemplo é uma hipótese, sendo necessários estudos mais detalhados.

Outro comportamento que foi registrado na coleta de dados foi a modificação em algumas palavras que possuem onset complexo, como será demonstrado nos dados do quadro 8:

**Quadro 8** - Epêntese de vogal e mudança na estrutura de palavras com onset complexo

<b>Português</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Guineense</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Glosa</b>
<i>flecha</i>	[f'leʃv]	<b>feretca</b>	[fe'retʃa]	flecha
<i>esfriar</i>	[esfri'ar]	<b>firianta</b>	[firi'ẽnta]	esfriar



<i>grandeza</i>	[grã'dezɐ]	<b>garandesa</b>	[garã'desa]	grandeza
<i>grão</i>	[ˈgrãw̃]	<b>garan</b>	[ga'rã]	grão
<i>plantar</i>	[plã'tar]	<b>paranta</b>	[pa'rãnta]	plantar

**Fonte:** Elaboração própria

Nesses casos, a epêntese desfaz o onset complexo. O fato de palavras no guineense apresentarem onsets complexos mostra que a língua permite tal estrutura. Observa-se que ao analisar o guineense, Costa (2014) aborda autores que evidenciam a inserção de uma vogal no interior da palavra, pois segundo eles, a língua permite a epêntese de vogal no meio de consoantes para facilitar a fala dos seus falantes: “Os exemplos por eles apresentados são: foronta /fo'ronta/ “afrontar” e pinguisa /pir'gisa/ “preguiça”. (COSTA, 2014. p. 202). Entretanto, essa não é a única explicação, por vezes o falante pode gerar estruturas mais complexas, como é o caso de uma palavra que passa para dissílaba quando ocorre o apagamento da vogal pretônica e a formação de um onset complexo, no caso de *furúnculo* – **frunku**. Segundo Viaro (2011), este fenômeno da inserção da vogal não ocorre apenas no guineense, mas também no português brasileiro padrão:

A epêntese vocálica para separar encontros consonantais, contudo, segue regras específicas em cada sincronia. No português brasileiro padrão, toleram-se basicamente encontros em duas situações: (a) a primeira consoante é uma oclusiva ou uma fricativa labiodental e a segunda consoante é um r ou um l; (b) a primeira é um s, um l ou um r e a segunda é qualquer consoante. No entanto, houve variantes em que essas também estiveram sujeitas à epêntese: ingl *sleeper* > *chupila*; *flor* > *fulô*; *dificuldade* > *dificulidade* (VIARO, 2011, p.134).

Com isso, percebemos que os casos do quadro 8 se enquadram em consoantes oclusiva [g] ou fricativa [f] seguidas de [r] ou [l] que no guineense passam a ser pronunciados com onset complexos desfeitos. Além disso, não é foco desse trabalho mencionar o fenômeno de rotacismo, mas nos casos *planta* – **paranta** e *flecha* – **feretca**, ocorre além da epêntese, o processo de o <l> passar para <r>.

### 4.3 Processos de inserção: Paragoge

Nos dados foram encontrados alguns casos de paragoge, como indicado no quadro 9:

**Quadro 9** - Paragoge de vogal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>casavel</i>	[kaska'vew]	<b>kaskabelu</b>	[kaska'belu]	casavel
<i>ter</i>	[ˈtɛr]	<b>tene</b>	[tẽ'nɛ]	ter

**Fonte:** Elaboração própria

Em Costa (2014), não foram mencionados casos de paragoge no guineense. Esse é um dos fenômenos comuns no português do Brasil, que consiste no acréscimo de segmentos como [i] ou mesmo [e] no final das palavras que foram introduzidas por empréstimo e que são terminadas com consoantes, pelo fato de tais consoantes não serem permitidas nessa posição (como é o caso de *club* e *top*). Entretanto, de acordo com esses resultados percebemos que no guineense o fenômeno de paragoge é restrito, e que também é distinto dos mencionados por Viaro (2011, p.137): “*sob* > [ˈsobi]; *USP* > [ˈuspi]. Em continuidade, daremos início aos processos de apagamento.

#### 4.4 Processo de apagamento: Aférese

No quadro 10 serão analisadas algumas palavras em que ocorre a perda da vogal [a] e da vogal [e]/ [ɛ] no início da palavra.

**Quadro 10** - Aférese da vogal [a] e da vogal [e]/ [ɛ]

<b>Português</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Guineense</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Glosa</b>
<i>abatimento</i>	[abatiˈmẽtu]	<b>batimentu</b>	[batiˈmẽtu]	abatimento
<i>abençoar</i>	[abẽsoˈar]	<b>bensua</b>	[ˈbẽswa]	abençoar
<i>atacar</i>	[ataˈkar]	<b>taka</b>	[ˈtaka]	atacar
<i>empenho</i>	[ẽmˈpeɲu]	<b>mpenhu</b> ou <b>impenhu</b>	[ĩmˈpeɲu] ~ [ẽmˈpeɲu]~ [ˈmpeɲu]	empenho
<i>embaixador</i>	[ẽmbaʃaˈdor]	<b>imbachadur</b> ou <b>mbachadur</b>	[ĩmbaʃaˈdo]~[ẽmbaʃaˈdor] ~[mbaʃaˈdor]	embaixador

**Fonte:** Elaboração própria

Os casos com a vogal [a] também foram registrados por Costa (2014, p.200), que afirma que “há alguns exemplos que correspondem a apagamento silábico de fato (e não redução), tais como [ˈkabe] “*acabar*”, [ˈdʒude] “*ajudar*”, [ˈgosi] “*agora*” etc.”, exemplos esses em que a palavra perde a sílaba inicial, modificando sua estrutura silábica.

No caso das palavras iniciadas pela vogal <e>, aparecem pronúncias tanto iniciadas com [m] quanto com as vogais [i] e [e]. Vale mencionar que um informante proferiu as palavras de uma forma distinta dos demais informantes, [ẽmbaʃaˈdor] ~ [ẽmˈpeɲu], porém não podemos afirmar sem estudos detalhados, se a consoante era a nasal [m] ou se houve a inserção de uma vogal nasal [ẽ]. Por isso estes exemplos requerem análises acústicas para que haja certeza se o informante pronunciou apenas com a consoante nasal [m] ou a consoante acompanhada da vogal, no caso [ẽm].

Chapouto (2019) especifica que “em posição de início de palavra, verifica-se também a possibilidade de ocorrência de um segmento vocálico à esquerda do segmento pré-nasalizado.” (CHAPOUTO, 2019, p.286), ou o fenômeno de aférese,

que permite que a queda da vogal <e> resulte em uma consoante antecedida pelo traço nasal. No caso de *embaixador* - **mbachadur ou imbachadur**, pode haver aférese do <e>, sua manutenção ou mesmo a substituição da vogal [e] pelo som de [i].

A seguir casos de aférese da vogal <e>:

**Quadro 11** - Aférese da vogal [e], resultando em palavras iniciadas com [sp] e [st]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>espírrar</i>	[espi'xar]	<b>spira</b>	[ˈspira]	espírrar
<i>explorar</i>	[esplɔ'rar]	<b>splora</b>	[ˈsplɔra]	explorar
<i>estar</i>	[es'tar]	<b>sta</b>	[ˈsta]	estar
<i>estragar</i>	[estra'gar]	<b>straga</b>	[ˈstraga]	estragar
<i>estante</i>	[es'tãti]	<b>stanti</b>	[ˈstãti]	estante

**Fonte:** Elaboração própria

No quadro 11 são registrados casos de palavras iniciadas com <e> em português que passam a ser pronunciadas com onset complexo em guineense, <estar, **sta**>, <espírrar, **spira**> em que há eliminação da primeira vogal na palavra que passa a ser pronunciada como [ˈspira], [ˈsta] respectivamente. Este fenômeno do apagamento da vogal inicial também é recorrente em palavras iniciadas com [st] <estante, **stanti**> e o mesmo caso ocorre na palavra <explora, **splora**>, possibilitando que a primeira vogal caia e sua primeira sílaba passa a ser pronunciada com três consoantes, [ˈsplɔra], resultando em onset complexo iniciado por [s]. Esse processo não é categórico, pois no caso de <especial> não ocorreu esta perda, pois o informante pronunciou, [espɛ'sjaʃ]. Casos como este não ocorrem no português do Brasil, como, por exemplo, palavras que no latim foram registradas com <s> + consoante passaram a ser pronunciadas com som de [i] ou [e] e grafada com o <e>, latim *speculum* > português espelho (VIARO, 2011).

Os casos de aférese em <es>, <ex>, <em>, <en> podem ser explicados como dois fenômenos comuns de apagamento:

- I. a sílaba inteira é apagada (como se vê no quadro 12);
- II. apenas a vogal é apagada (como se observa no quadro 13):

**Quadro 12** - Aférese da sílaba inteira

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>esfaqueamento</i>	[esfakia'mẽtu]	<b>fakiamentu</b>	[fakja'mẽtu]	esfaqueamento
<i>esfriar</i>	[esfri'ar]	<b>firianta</b>	[firi'êta]	esfriar
<i>enxaguado</i>	[ẽʃa'gwadu]	<b>chogadu</b>	[ʃɔ'gadu]	enxaguado
<i>engraxador</i>	[ẽgraʃa'dor]	<b>grachadur</b>	[graʃa'dor]	engraxador

<i>envenenar</i>	[ẽvẽnẽ'nar]	<b>venena</b>	[vẽ'nẽna]	envenenar
------------------	-------------	---------------	-----------	-----------

**Fonte:** Elaboração própria

**Quadro 13** - Aférese da vogal <e>

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>espanto</i>	[es'pãtu]	<b>spantu</b>	[ˈspãtu]	espanto
<i>espada</i>	[es'padɛ]	<b>spada</b>	[ˈspada]	espada
<i>emboscada</i>	[ẽbɔs'kadɛ]	<b>mboskada</b>	[ĩmbɔs'kada]	emboscada
<i>empregar</i>	[ẽpre'gar]	<b>mprega</b>	[ĩm'prega]	empregar
<i>enganar</i>	[ẽgã'nar]	<b>ngana</b>	[ˈŋgãna]~[iŋ'gãna]	enganar

**Fonte:** Elaboração própria

No caso da sílaba inteira apagada <en>, a partir das leituras de Chapouto (2017), sobre a pré-nasalização do guineense, são presentes exemplos de mais palavra com segmentos iniciais com a perda de vogal e a presença somente da consoante:

- a. [mp] mpura [ˈmpuRa] (empurrar) [mb] mbarka [ˈmbaRka] (embarcar) [nt] ntera [ˈnteRa] (enterrar) [nd] ndirita [ndiˈRita] (endireitar) [Nk] nkanta [ˈNkãnta] (encantar) [Ng] nguli [ˈNguli] (engolir) [ndZ] ndjudja [ˈndZudZa] (unir) [ntS] intci [ˈĩntSi] (encher) (CHAPOUTO, 2017, p.287).

No caso das palavras [ĩmbɔs'kada] e [ĩm'prega] a vogal foi apagada graficamente, mas na pronúncia dos informantes seu segmento vocálico é mantido, diferentemente de <ngana> que foi pronunciado de duas formas, [ˈŋgãna] ~ [iŋ'gãna].

Seguidamente no quadro 15, há exemplos de palavras em que ao suceder aférese das vogais [ã],[ẽ],[ĩ], elas passam a ser iniciadas com a consoante nasal [n], como veremos a seguir:

**Quadro 14** - Aférese da vogal, resultando em consoante antecedida por traço nasal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>inveja</i>	[ĩ'veʒɐ]	<b>nvedja</b>	[ˈnbɛdʒa]	inveja
<i>enfastiar</i>	[ẽfasti'ar]	<b>nfastia</b>	[nfasti'a]~[nfas'tja]	enfastiar

**Fonte:** Elaboração própria

Sobre estes exemplos há duas interpretações, conforme mencionado ao discutir próstese, uma menciona que este caso seria consoante pré-nasalizada, e a outra proposta diz que a consoante <n> está em uma sílaba sozinha, sendo seguida de um núcleo não preenchido. Neste trabalho, consideramos a consoante nasal na mesma sílaba, sendo esse um aspecto a ser investigado em estudos futuros.

No quadro 15, há outros casos de aférese da vogal:

**Quadro 15** - Aférese da vogal, resultando em consoante nasal na sílaba

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>enervar</i>	[enɛr'var]	<b>nerva</b>	[nɛrva]	enervar
<i>inhame</i>	[ĩ'nãmi]	<b>nhambi</b>	[ĩ'nãbi]~['nãbi]	inhame

**Fonte:** Elaboração própria

Destaca-se que no quadro 15, há aférese em <**nerva**>, no caso de <**nhambi**>, há duas formas de se pronunciar, sem aférese, e com ocorrência de aférese: [ĩ'nãbi]~['nãbi].

#### 4.5 Processo de apagamento: Síncope

A síncope é um dos processos mais diversificados quando comparados com outros processos de apagamento. Segundo Viaro (2011), essa é a supressão mais comum e ocorre no interior da palavra, sendo classificada em diferentes tipos:

- I. Síncope da postônica
- II. Síncope da pretônica
- III. Síncope consonantal

##### I. Síncope da pós-tônica

Segundo Viaro (2011, p.143), a síncope da postônica é registrada no português antigo, sendo um fenômeno que possibilitou transformações de palavras proparoxítonas em paroxítonas. Destaca-se, mais uma vez, que em alguns casos que veremos a seguir no quadro há outros processos além da síncope da pós-tônica, como se vê no quadro 16 em <*furúnculo*>:

**Quadro 16** - Síncope da vogal postônica medial

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>relâmpago</i>	[he'lãpagu]	<b>orlampu</b>	[ɔr'lãpu]	relâmpago
<i>tâmara</i>	[tãmare]	<b>tambra</b>	[tãmbra]	tâmara
<i>tísico</i>	[t'fisiku]	<b>tisgu</b>	[t'isgu]	tísico

**Fonte:** Elaboração própria

No caso de *tísico* [t'fisiku] – **tisgu** [t'isgu], o que ocorre é uma transformação também evidenciada por Viaro (2011, p. 144), em casos que envolvem um <s> e a consoante oclusiva surda [k] passa a ser pronunciada como sonora [g] e seguidamente ocorre a queda da vogal posterior à tônica passando a palavra a ser pronunciada como [t'isgu].

##### II. Síncope da pretônica

A síncope da pretônica é um caso de apagamento comum na língua portuguesa, contudo, isso não quer dizer que ela seja comum em todas as

variedades do português. A partir dessa pesquisa coletamos algumas palavras guineense que sofreram alterações:

**Quadro 17** - Síncopa de [a], [e], [i] [o]/ [ɔ]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>tisicar</i>	[tisi'kar]	<b>tisga</b>	[ˈtisga]	tisicar
<i>região</i>	[reʒi'ãw]	<b>rejon</b>	[re'ʒõ]	região
<i>parecido</i>	[pare'sidu]	<b>parsidu</b>	[par'sidu]	parecido
<i>virilha</i>	[vi'riʎe]	<b>bridja</b>	[ˈbridʒa]	virilha
<i>maionese</i>	[ma'jonezi]	<b>maines</b>	[maj'nes]	maionese
<i>malagueta</i>	[mala'gete]	<b>malgueta</b>	[ma'geta]	malagueta
<i>desacostumar</i>	[disakustu'mar]	<b>diskustuma</b>	[diskus'tuma]	desacostumar
<i>bolanha</i>	[bo'ʎaɲe]	<b>blanha</b>	[ˈʎaɲa]~[bo'ʎaɲa]	vasto terreno

**Fonte:** Elaboração própria

Segundo Viaro (2011) esse fenômeno da síncopa da pretônica é encontrado desde a passagem do latim para o português e com menos frequência no <o> e <u>, mas no quadro 17 é registrada também a queda da sílaba pretônica inteira em [ˈʎaɲa].

### III. Síncopa consonantal

Síncopa consonantal é um fenômeno no português presente em registros escritos, essa síncopa permanece comum atualmente segundo Viaro (2011), sendo que alguns desses fenômenos foram registrados no quadro 18.

**Quadro 18** - Queda da consoante no interior da palavra

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>advento</i>	[adi'vētu]	<b>aventu</b>	[a'vētu]	advento
<i>eclipse</i>	[ɛ'klipisi]	<b>eklisi</b>	[ɛ'klisi]	eclipse
<i>comborçaria</i>	[kõbõr'sariɛ]	<b>kumbosadia</b>	[kũbo'sadja]	comborçaria
<i>absorver</i>	[abisoh'ver]	<b>asorbi</b>	[a'sorvi]~[a'sorbi]	absorver

**Fonte:** Elaboração própria

Nota-se que no quadro 18, evidenciam-se exemplos na queda do [d], <advento> para <aventu>, [p] <eclipse> para <eklisi>, [r] <comborçaria > para <kumbosadia>, também [b] <absorver> para <asorbi>.

#### 4.6 Processos de apagamento: Apócope

A apócope é um fenômeno muito comum no português e isto acontece desde a passagem do latim em que o som final cai. Algumas consoantes foram eliminadas desde a passagem do latim para o português, como registrado por Viaro (2011,

p.152) queda de consoantes como ‘c’, ‘t’, ‘b’, ‘d’, ‘m’ por exemplo, *latim amat* > *português ama*; *latim jam* > *português já*; *latim et* > *português e*. Para análise, iremos dividir os processos de apócope em duas seções:

- I. Nominal
- II. Verbal

### I. Nominal

Tendo em vista esses processos, as coletas registraram palavras no quadro 19 em que ocorre a queda do traço nasal no final das palavras.

**Quadro 19** - Apócope do traço nasal

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>homem</i>	[ˈõmẽ]	<b>omi</b>	[ˈõmi]	homem
<i>ordem</i>	[ˈõrdẽ]	<b>ordi</b>	[ˈõrdi]~[ˈõrdi]	ordem
<i>passagem</i>	[paˈsazẽ]	<b>passadju</b>	[paˈsadʒu]~[paˈsadu]	passagem
<i>selvagem</i>	[sɛwvaˈzẽ]	<b>salbas</b>	[saɫˈbajs]~[saɫˈbas]	selvagem

**Fonte:** Elaboração própria

Nas palavras <*homem*> e <*ordem*> além da queda do traço nasal (que pode inclusive ocorrer junto com o glide), a vogal também muda: [e] > [i]. Ademais, no caso da palavra *passagem* > **passadju**, nota-se na pesquisa que além da queda do <m>, a palavra pode mudar a consoante e a vogal, passando a ter uma pronúncia com o som de [dʒu] diferentemente do português que possui o som [zẽ].

Ademais, observa-se que a queda da palavra *selvagem* é para além da queda do <m>, sendo que permanece apenas o primeiro elemento da sílaba final que neste caso transformou-se para <**salbas**> que apresentou duas variantes: [saɫˈbajs]~[saɫˈbas].

A seguir mais exemplos de apócope nominal:

**Quadro 20** - Apócope de átonas finais

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>baixo</i>	[ˈbajʃu]	<b>bas</b>	[ˈbas]	baixo
<i>raio</i>	[ˈrajʃu]	<b>rai</b>	[ˈraj]	raio
<i>vale</i>	[ˈvali]	<b>val</b>	[ˈvaɫ]	vale
<i>calabouço</i>	[kalaˈbowsu]	<b>kalabus</b>	[kalaˈbus]	calabouço
<i>valioso</i>	[valiˈozu]	<b>balius</b>	[baˈliws]	valioso
<i>almoço</i>	[awˈmosu]	<b>almos,</b> <b>almosu</b>	[aɫˈmus]~[aɫˈmosu]	almoço
<i>alface</i>	[awˈfasi]	<b>alfas, alfasi</b>	[aɫˈfas]~[aɫˈfasi]	alface
<i>farelo</i>	[faˈrelu]	<b>farel</b>	[faˈreɫ]~[faˈrelu]	farelo

<i>maionese</i>	[ma'jonezi]	<b>maines</b>	[maj'nes]~[maj'nejs]	maionese
-----------------	-------------	---------------	----------------------	----------

**Fonte:** Elaboração própria

Há casos de variação na pronúncia com e sem apócope, como em <*almoço*>, <*alface*>, <*farelo*>.

No quadro 20, observa-se também que por vezes a queda da vogal desencadeia uma mudança no número de sílabas, sendo assim, em duas categorias serão interpretados os fenômenos da queda das vogais:

- A queda da vogal não interfere no número de sílabas da palavra
- Exemplo de *remédio* - **remedi** = re - me - di.

A queda da vogal permite modificar o número de sílabas da palavra.

A palavra *raio* passa de duas sílabas para uma única sílaba, ex. *raio* = ra-io - **rai**, há casos de palavras trissílabas que passam a dissílabas: em *alface* - **alfas**.

É possível notar que em *remédio* aconteceu monotongação: **remedi** [rediw] > [di].

Em alguns casos registados no quadro 20 o apagamento da vogal permitiu que o onset passasse para a Coda, como em: *valioso* - **balius**; *farelo* - farel; esses exemplos ocorreram de os segmentos <s> e <l> poderem ocupar a posição de coda, como também evidenciado na pesquisa de Costa (2021) sobre a posição de coda no guineense.

Vale destacar que <**abadju**> foi o único exemplo de nome em que ocorre a queda do erre final [aba'zur] ~ [a'badzu], salienta-se que este comportamento também foi constatado no trabalho de Balde (2021). Em resumo, pode ser um indício de que o [r] em nomes se comporte diferentes dos verbos que serão descritos a partir do quadro 21.

## II. Verbal

Vale mencionar que foram constatados apagamentos em verbos, como se observa no quadro 21:

**Quadro 21** - Apócope de <r> em verbos

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>cheirar</i>	[ʃej'rar]	<b>tcera</b>	[tʃ'era]	cheirar
<i>olhar</i>	[o'lar]	<b>odja</b>	[o'dʒa]	olhar
<i>entrar</i>	[ẽ'trar]	<b>ientra</b>	[j'ẽtra]	entrar
<i>fadigar</i>	[fadi'gar]	<b>fadiga</b>	[fadi'ga]	fadigar
<i>crucificar</i>	[krusifi'kar]	<b>krusifika</b>	[krusi'fika]	crucificar
<i>chatear</i>	[ʃati'ar]	<b>chatia</b>	[ʃa'tia]	chatear
<i>bater</i>	[ba'ter]	<b>bati</b>	[bati]	bater



<i>comer</i>	[kũ'mer]	<b>kume</b>	['kũme]	comer
<i>ofender</i>	[ɔfẽ'der]	<b>ofendi</b>	[ɔ'fẽdi]	ofender
<i>defender</i>	[defẽ'der]	<b>difindi</b>	[di'fidi]	defender
<i>socorrer</i>	[soko'xer]	<b>sakura</b>	[sa'kura]	socorrer
<i>emagrecer</i>	[ẽmagre'ser]	<b>magrisi</b>	[ma'grisi]	emagrecer
<i>ferir</i>	[fe'rir]	<b>fidi</b>	['fidi]	ferir
<i>vestir</i>	[vis'tir]	<b>bisti</b>	['bisti]	vestir
<i>ouvir</i>	[ow'vir]	<b>obi</b>	['obi]	ouvir
<i>aplaudir</i>	[aplaw'dir]	<b>aplaudi</b>	[a'plawdi]	aplaudir
<i>engolir</i>	[enɔ'gir]	<b>nguli</b>	[iŋgu'li]	engolir
<i>adquirir</i>	[adiki'rir]	<b>adikiri</b>	[ãdi'kiri]~[adi'kiri]	adquirir

**Fonte:** Elaboração própria

Não é o foco desta pesquisa falar sobre as transformações que ocorrem com a vogal, entretanto, vale reforçar que na maioria das palavras coletadas da segunda conjugação, a vogal final passa de vogal média [e] para vogal alta [i] após a queda do [r] final, <**kume**> do quadro 21 é um exemplo em que, o [r] final cai, mas a vogal continua com som de [e], como no caso também encontrado na coleta em <*debater*>, contudo há duas possibilidades na fala de [e] e [i] <**dibati, debate**> [di'bati] ~ [di'bate].

A partir das leituras de Viaro (2011), conjectura-se que o apagamento do <r> em final de palavras é um acontecimento recente no português, isto porque o autor menciona no seu trabalho o <r> dos verbos no infinitivo ainda é mantido, porque algumas pessoas conservam a forma escrita mantendo o erre o nos finais dos verbos. Da mesma maneira, Paul Teyssier em seu trabalho argumenta “o português do Brasil tende a suprimir o r no final das palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer).” (TEYSSIER, 1982). Como ilustrado no quadro, a queda do <r> também é um fenômeno que ocorreu nesta pesquisa no final dos verbos do guineense. Além da apócope, ocorre também mudança no padrão acentual, aspecto não abordado nesse estudo.

Outros casos de apócope, ocorrem nos advérbios. Viaro (2011, p. 152) constata o fenômeno de queda do <m> nos advérbios e descreve que essa queda é exerce uma continuidade desde o latim vulgar, “o -m não caiu apenas quando era marca do acusativo, mas também em advérbios (já no latim vulgar), [...]”. Em conclusão, nota-se que o apagamento da consoante <m> é um processo antigo que também foi evidenciado nessa pesquisa: português *anteontem* [ãti'õtẽ] - guineense **antionti** [ãti'õti]; português *também* [tã'bẽ] - guineense **tambe ou tambi** [tã'bẽ]~[tãbi].

#### 4.6 Processos de Monotongação

A monotongação em si não é foco dessa pesquisa, contudo foram coletados dados recorrentes desse fenômeno que serão apresentados nos quadros a seguir. Apenas será apresentado, pois, além de se tratar de um caso de apagamento (em geral síncope), é uma abordagem de transformação em que há passagem de ditongo para hiato. Em Costa (2014, p.208) evidencia-se um processo no guineense que é denominado de coalescência vocálica, isto é, monotongação de ditongo “(712) [ˈliti] – /liti/ “leite” (713) [ˈkuru] – /kuru/ “couro” (714) [ˈfɛrɛ] – /fɛra/ “feira” (715) [kaˈdɛrɛ] – /kadɛra/ “cadeira” (716) [maˈdɛrɛ] – /madɛra/ “madeira” (717) [ˈsɛtɛ] – /sɛta/ “aceitar” (718) [ˈtʃɛrɔ] – /tʃeru/ “cheiro””, nestes casos ocorreram as seguintes mudanças nos ditongos: [ej] > [e]; [ow] > [o] > [u].

O quadro 22 apresenta casos de monotongação de <au>:

**Quadro 22** - Monotongação em: aw> ow > o; <a> e <o>

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>aumentar</i>	[aumɛ̃ˈtar]	<b>omenta</b>	[ɔˈmɛ̃ta]	aumentar
<i>autoridade</i>	[autoriˈdadɪ]	<b>otaridadi</b> ou <b>otridadi</b>	[ɔtariˈdadi]	autoridade
<i>autorizar</i>	[awtoriˈzar]	<b>otriza</b>	[ɔˈtriza]	autorizar

**Fonte:** Elaboração própria

Nos dados do quadro 22, acontecem dois processos: primeiro muda o ditongo <aw>, passando para <ow> (*aumentar* > **omenta**) e, depois o glide cai, resultando em <o> (*aumentar* > **omenta**).

No quadro 23, aparece a monotongação de [kej] > [ke]:

**Quadro 23** - Monotongação: [kej] > [ke]

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição	Glosa
<i>queimar</i>	[kejˈmar]	<b>kema</b>	[ˈkema]	queimar
<i>boqueira</i>	[boˈkejɾɐ]	<b>bokera</b>	[boˈkera]	boqueira
<i>queixa</i>	[ˈkejʃɐ]	<b>kesa</b>	[ˈkeza]	queixa
<i>coqueiro</i>	[koˈkejɾu]	<b>kukeru</b>	[kuˈkeru]	coqueiro
<i>queijo</i>	[ˈkejʒu]	<b>keju</b>	[ˈkeʒu]~[ˈkejʒu]	queijo

**Fonte:** Elaboração própria

Nas palavras do quadro 23 a monotongação pode ter ocorrido no próprio português. No caso de <queijo>, a palavra pode ser pronunciada tanto com o glide quanto sem ele: [ˈkejʒu] ~ [ˈkeʒu]. Segundo Viaro (2011, p. 145), “também podem ser entendidos como uma síncope da pretônica, em casos semelhantes a quieto > [ˈkɛtu]”. Essa explicação não vale para o caso de <queima; **kema**>, <boqueira; **bokera**>, <coqueiro; **kukeru**>.

Há também casos de síncope do glide em posição postônica, como se observa no quadro 24:

**Quadro 24** - Síncope em posição postônica

<b>Português</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Guineense</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Glosa</b>
<i>blasfémia</i>	[blas'femjɐ]	<b>blasfema</b>	[blas'fema]	blasfémia
<i>eficiência</i>	[ɛfisi'ẽnsjɐ]	<b>efisensa</b>	[ɛfi'sẽnsa]	eficiência
<i>hérnia</i>	[ˈɛrnjɐ]	<b>erna</b>	[ˈɛrna]	hérnia
<i>ignorância</i>	[ignɔ'rãsjɐ]	<b>ignoransa</b>	[ignɔ'rãsa]	ignorância

**Fonte:** Elaboração própria

São exemplos de redução das sílabas [sja] > [sa], [mja] > [ma], [nja] > [na], em que o apagamento do glide se dá posteriormente à sílaba tônica. Com relação aos locais em que esse processo ocorre em português, Viaro (2011) afirma:

Associa-se esse fenômeno ao falar nordestino, mas na verdade não há determinação clara da sua extensão, nem se se trata de fenômeno generalizado ou exclusivo. Além de ocorrer também em áreas de Portugal, encontra-se tal fenômeno em Goa e em Sri Lanka. (VIARO, 2011, p.145).

Assim sendo, como apontado no quadro 24 é também um fenômeno recorrente que foi registrado nos dados.

O quadro 25 apresenta casos de monotongação de <gwa>:

**Quadro 25** - Síncope do glide [w]

<b>Português</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Guineense</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Glosa</b>
<i>enxaguado</i>	[ẽʃa'gwadu]	<b>chogadu</b>	[ʃɔ'gadu]	enxaguado
<i>vanguarda</i>	[vã'gwahĩdɐ]	<b>vanguardia</b>	[vã'gardia]~[va'ŋgardia]	vanguarda

**Fonte:** Elaboração própria

Como registrado no quadro 25, dois exemplos de palavras em que acontece a queda do glide, e passam a ser pronunciadas com o [ga], [ẽʃa'gwadu] - [ʃɔ'gadu]. Outro caso de Monotongação, ocorre na síncope de <baixo> ['bas], além de acontecer síncope, também ocorre apócope, ['bajʃu] > ['bas], resultando na modificação silábica da palavra passando de dissílaba para monossílaba.

## 5 Conclusão

A partir da coleta de dados, observa-se que os casos de apagamento foram mais vastos em comparação aos de inserção. No caso dos processos de acréscimos de segmentos, as inserções mais comuns foram da inserção vocálica de [a] e [i], um caso não comum foi o caso de acréscimo do final da palavra, que só foram encontrados apenas dois exemplos, como <tene> e <kaskabelu>. Todavia, os processos fonológicos de apagamento no geral foram os mais encontrados, em

destaque os de apócope que consiste na eliminação de segmentos no final das palavras. Estes casos na sua maioria foram encontrados em palavras verbais em que o <r> era apagado, encontrados em verbos das três conjugações <ar>, <er> e <ir>.

Dessa forma, verifica-se que o guineense é como as línguas naturais, que não são estáticas nem no tempo e nem no espaço de acordo com Faraco (2005), pois notam-se comportamentos comuns de transformações a partir das análises de aspectos fonológicos de acréscimo e eliminação de segmentos na palavra, também demonstrando que o guineense possui suas especificidades e estruturas diferentes de variedades do português. A depender de onde a língua esteja inserida ela é transformada por seu contexto linguístico e no caso da Guiné-Bissau, não se pode esquecer que há um cenário multilíngue. Conclui-se que é preciso trabalhos futuros para investigar algumas abordagens que não foram detalhadas neste corpus, para por fim acrescentar em pesquisas linguísticas sobre o guineense, principalmente dos aspectos fonológicos.

## Referências bibliográficas

- BALDE, M. B. **Adaptação fonética-fonológica de empréstimo do português para o guineense**. 2021. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.
- BANDEIRA, M. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné: Crioulo e sua gênese**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017
- BOXER, C. R. **O império marítimo português 1415-1825**. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHAPOUTO, S. M. da C. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014.
- CHAPOUTO, S. M. da C.; PEREIRA, I. Contributo para a descrição da estrutura silábica do guineense. **PAPIA**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 111-130, Jul/Dez 2019.
- CHAPOUTO, S. M. C. Consoantes pré-nasalizadas do guineense: segmentos fonéticos ou fonológicos? **PAPIA**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 283-292, Jul/Dez 2017.
- COSTA, P. M. **A sílaba fonética do guineense moderno: a posição de coda**. 2021. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.
- COSTA, P. M. **Descrição fonológica do crioulo Guineense: origem e desenvolvimento do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística)

– Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2014.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

MATTOS e SILVA, R. V. **O português arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRATAS, F. **O Sistema Pronominal do Caboverdiano** (variante de Santiago): o que é um crioulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

SCANTAMBURLO, L. **Dicionário do guineense, volume I** – Introdução e Notas Gramaticais. Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI, 2001.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 1982.

VIARO, M. E. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

### **Phonological processes of insertion and deletion in Guinean**

**Abstract:** Guinean is the language spoken by most speakers of Guinea-Bissau, although, several decades after independence, Portuguese remains the country's only official language. This work describes the phonological processes of insertion and deletion in Guinean. The phonological insertion processes are divided into three categories, at the beginning of a word (prothesis), in the middle (epenthesis) and at the end (paragoge), the deletion processes are also divided into three categories, at the beginning of a word (apheresis), in the middle (syncope) and at the end (apocope) (VIARO, 2011). The research is justified by the fact that there are still few studies focused on Guinean, especially with regard to their phonological aspects. In addition, the few studies carried out are usually based on theoretical discussions of Portuguese, and inaccurate statements are common. To carry out this research, words were collected in the Scantamburlo's dictionary (2002), which were later recorded with four native Guinean speakers in order to confirm their phonetic realization. The analyzes show that the insertion of the vowels [a] and [i] at the beginning of the word is common, as in Portuguese *botar* – Guinean **abota**; Portuguese *era* – Guinean **iera**; cases of insertion of a whole syllable in prosthesis were also found: Portuguese *nova* – Guinean **banova**; prosthesis and epenthesis of a nasal consonant/feature: Portuguese *ganhar* – Guinean **nganha**; Portuguese *forminga* – Guinean **furminga**; however, there were few cases of paragoge, as in Portuguese *cascavel* – Guinean **kaskabelu**. In addition, cases of deletion were more common, like apheresis of [a] and [e]: Portuguese *atacar* – Guinean **taka** and Portuguese *estragar* – Guinean **straga**; there were also common cases of medial postonic vowel syncope, such as Portuguese *tâmara* – Guinean **tambra** and of apocope in verbs, such as Portuguese *cheirar* – Guinean **tcera**.

**Keywords:** Guinean. Phonological processes. Insertion. Deletion.